**Diálogo** **entre os três modelos de Semântica: o Formal, o Enunciativo e o Cognitivo**

Este trabalho visa contemplar as principais linhas da Semântica: o modelo Formal, o modelo Enunciativo e o modelo Cognitivo com o propósito de identificar suas características mais importantes, apontar o limite entre essas abordagens e acima de tudo, problematizá-las. Proponho também fazer um diálogo com autores como Aristóteles, Frege e Wittgenstein.

Qual é o objeto de estudo da Semântica? Essa é uma pergunta difícil de ser respondida graças à diversidade das definições sobre a natureza do significado. Tradicionalmente, compreende-se que seu objeto de estudo “é o significado das palavras e das sentenças” (PIRES de OLIVEIRA, [2000], 2012, p.23), porém “abordagens mais recentes consideram a competência que um falante possui para interpretar qualquer sentença de sua língua como seu escopo” (ibid).

O significado pode englobar a acepção de um termo, como também a intenção do interlocutor ao agir no mundo e a dimensão de índice, como por exemplo, o significado de um relâmpago, entre outros. Sabemos que o significado está vigorosamente ligado a relação entre a linguagem e o mundo e aquisição de conhecimento. Em conseqüência da multiplicidade de definições, há diferentes semânticas.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) elaborou uma distinção entre a linguagem e a língua. Segundo esse estruturalista, “a linguagem é multiforme e heteróclita e pertence ao domínio individual e social. A língua, ao contrário, constitui algo adquirido e convencional.” (1970, p.17).

O signo é composto pela combinação entre o significado, ou seja, o conceito e o significante, isto é, a imagem acústica. O laço que une esses dois elementos é arbitrário. A língua é um sistema de signos, noção valiosa para Saussure. Esses, por sua vez, adquirem seu valor na relação estabelecida no sistema e também se definem pela oposição com outros signos. A título de exemplo, ser brasileiro significa não ser americano, chinês, inglês e as demais nacionalidades da mesma forma que envolve uma relação de semelhança, pois essas palavras estão inseridas na categoria de adjetivos gentílicos.

**O Pioneirismo da Semântica Formal**

Em razão do seu caráter pioneiro, a Semântica Formal tornou-se a abordagem a ser combatida pelas demais. Segundo os estudiosos dessa área, “o significado das sentenças se estrutura logicamente” (PIRES de OLIVEIRA, [2000], 2012, p.25).

O raciocínio lógico objetivo foi enraizado pelos fundadores da Filosofia Ocidental como Aristóteles e Platão. A racionalidade enquanto condição que garante o funcionamento da linguagem será desdobrada posteriormente no pensamento de filósofos modernos na virada do século XX.

É interessante ir além dos breves comentários feitos por Pires de Oliveira sobre Aristóteles e olhar diretamente para uma das escritas deste último, *De Interpretatione*, “as palavras representam alguma coisa que tem lugar no interior do homem” (MARTINS, [2004], 2011, p.464). Os sentimentos, chamados de afecções por Aristóteles, são iguais para todos. Percebe-se que essa concepção elimina qualquer interpretação subjetiva da realidade. Sabemos que não existe apenas a ordem exclusiva e concreta dos fatos, o que aponta uma lacuna nessa doutrina.

Vale recuperar o raciocínio dedutivo de Aristóteles em sentenças como:

*(1) Todo animal é um ser vivo.*

*(2) Cachorro é um ser vivo.*

*(3) Logo, cachorro é um ser vivo.*

Se as duas primeiras sentenças forem verdadeiras, podemos concluir a última. O raciocínio continua válido se trocarmos os termos e mantivermos as relações, o que demonstra que tais relações são lógicas ou formais, pois a ênfase recai no vínculo entre as sentenças, não no significado das palavras isoladamente.

Entre as diversas contribuições de Gottlob Frege (1848-1925), matemático e lógico alemão, destaca-se a distinção entre sentido e referência. Segundo esse filósofo, a Semântica deve se ocupar dos aspectos objetivos do significado que são compartilhados por uma comunidade de falantes. Frege exclui a subjetividade de cada indivíduo da sua análise. Para ele, a representação individual cabe à Psicologia.

A referência é o objeto no mundo que só será alcançado por meio do sentido. É possível sustentar pensamentos diferentes para apresentar um mesmo objeto. Ao ampliarmos a quantidade de sentidos, temos caminhos distintos para falar sobre o mundo. É a partir dessa dinâmica que o conhecimento se expande.

Frege estava empenhado em produzir uma linguagem perfeita logicamente consistente (PIRES de OLIVEIRA, [2000], 2012). Por isso, seu estudo contempla apenas expressões lingüísticas que falam sobre algo real no mundo.

Ludwig Wittgenstein (1889-1951), influenciado por Frege, submete o pensamento e a linguagem à lógica em seu *Tractatus lógico-philosophicus.* Ambos os filósofos concentram suas pesquisas na representação objetiva dos falantes e trabalham com as noções de verdade e falsidade.

Tanto no *Tractatus* como em *Sobre o sentido e a referência*, a opinião dos sujeitos é descartada. Percebemos que os dois pensadores legitimaram o reconhecimento público para reproduzir os fatos objetivos.

Ao reconhecermos uma frase falsa, ainda é possível extrair uma lição sobre o mundo. Segundo Frege, a representação era a imagem mental enquanto Wittgenstein a compreendia como substituição. Esta é uma das diferenças primordiais entre esses filósofos. É fundamental notar o esforço da pesquisa científica em racionalizar o abstrato por volta do século XX.

**Uma Interlocução entre a Semântica Enunciativa e a Semântica Cognitiva**

Já vimos que a ênfase da Semântica Formal recai na postulação de um mundo exterior a linguagem. Contrária a essa noção, os semanticistas da Enunciação acreditam que é somente através da linguagem que é possível construir o mundo. O jogo argumentativo, ou seja, o dialogismo é a única forma que os sujeitos possuem para expressar sua subjetividade. Nessa abordagem, a comunicabilidade é colocada em xeque ao mesmo tempo em que o significado tem como função convencer o outro.

Sob outra perspectiva, a Semântica Cognitiva, cujo modelo recente pode ser datado de 1980, prioriza o significado no estudo sobre a linguagem. A base dessa concepção é o corpo, responsável pelo surgimento do significado. De forma semelhante, a dimensão da vida adquire um papel importante, pois é nela que o significado se encontra.

A Semântica Cognitiva opõe-se a Semântica Formal ao rejeitar a crença que a linguagem está numa relação direta com o mundo (PIRES de OLIVEIRA [2000], 2012). Por outro lado, a afinidade entre a Semântica Enunciativa e a Semântica Cognitiva está na recusa a referência. O último ramo mencionado entende que o significado é fruto de interações físicas com o meio em que vivemos (ibid).

Um ponto interessante da Semântica Cognitiva que merece destaque é a forma pela qual as definições de metáfora e metonímia são deslocadas da concepção tradicional encontrada nos manuais de Gramática. É importante perceber como esse deslocamento em relação ao modelo mais canonizado privilegia o vínculo com o corpo.

Conclui-se que ao longo do presente trabalho foram apresentadas três linhas dentro da mesma área de conhecimento lingüístico: a Semântica. Ambas as vertentes assumem a dura tarefa de definir o mesmo fenômeno utilizando descrições diversas. Em virtude da complexidade do objeto de estudo chamado linguagem, devemos refletir sobre o grau de semelhança e diferença existente na teoria dessas correntes lingüísticas.

Recuperando o conceito de intertextualidade, recordamos que um texto nunca é puro, ou seja, é sempre algo já dito de outras maneiras. Assim, o melhor caminho para lidar com a riqueza das teorias encontra-se na combinação de duas atitudes complementares: o questionamento à aceitabilidade total e a expansão do olhar.

BIBLIOGRAFIA:

FREGE, Gottlob. [1892] 1978. “Sobre o sentido e a referência. Em: GOTTLOB, Frege. 1978. **Lógica e Filosofia da Linguagem.** Trad. de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, p.59-86

LANDIM FILHO, Raul F. 1981. “Sentido e verdade no Tractatus de L. Wittgenstein. **Síntese**, vol. 3, no.22, p.35-48

MARTINS, Helena. [2004] 2011. “Três caminhos na filosofia da linguagem”. Em: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs). [2004] 2011. **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos, vol. 3**, 5ª ed. São Paulo: Cortez, p. 439-473

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. [2000] 2012. “Semântica”. Em: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs). [2000] 2012. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, vol.2,** 8ª ed. São Paulo: Cortez, p. 23-54

WITTGENSTEIN, Ludwig. [1921] 1968. **Tractatus Logico-Philosophicus.** Trad. de José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional.